



A eterna e inacabada formação do sujeito professor: reflexões contínuas da práxis de um artista-docente

Vinícius Macena Santiago Fialho¹ – PPGAC/UFOP

Em 2018, ingressei no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), neste momento não tinha muito repertório teórico ou prático de como poderia situar a dança, ou qualquer área de conhecimento, no âmbito escolar, tendo apenas a experiência como estudante do Ensino Básico. Diante disso, pude explorar por meio do PIBID situações do cotidiano escolar, em que acompanhei professores do ensino fundamental ainda no começo do curso, com a oportunidade de experimentar o ambiente da escola em uma transição de aluno para professor. Por isso, estar nesse lugar me permitiu observar como as situações cotidianas da escola ocorriam, mesmo inicialmente não tendo muito sentido, pois minha formação ainda era embrionária. No entanto, mais adiante se tornou uma experiência a ser refletida por meio de conhecimentos de disciplinas e monitoria que participei durante meu processo de formação acadêmica.

Acredito, assim como Bondía (2002), que apesar de tudo, a experiência não se constrói apenas em meio a situações favoráveis. As frustrações, os erros, as desavenças etc, são elementos necessários para que ela possa ser instaurada.

O sujeito da experiência, se repassarmos pelos verbos que Heidegger usa neste parágrafo, é um sujeito alcançado, tombado, derrubado. Não um sujeito que permanece sempre em pé, ereto, erguido e seguro de si mesmo; não um sujeito que alcança aquilo que se propõe ou que se apodera daquilo que quer; não um sujeito definido por seus sucessos ou por seus poderes, mas um sujeito que perde seus poderes precisamente porque aquilo de que faz experiência dele se apodera. Em contrapartida, o sujeito da experiência é também um sujeito sofrendor, padecente, receptivo, aceitante, interpelado,

¹ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto (PPGAC/UFOP) e Graduado nos cursos de licenciatura e bacharelado em Dança na Universidade Federal de Viçosa (UFV), Campus de Viçosa. Atualmente é professor efetivo de dança da rede municipal de Juiz de Fora - MG. . E-mail: viniimacena@gmail.com.



submetido. Seu contrário, o sujeito incapaz de experiência, seria um sujeito firme, forte, impávido, inatingível, erguido, anestesiado, apático, autodeterminado, definido por seu saber, por seu poder e por sua vontade. (BONDIA, 2002, p. 25)

Ao longo dos anos de graduação, ao investigar a educação em ambiente universitário, como em disciplinas, monitoria, seminários e palestras, tive a oportunidade de relacionar esses conteúdos que podem ser apenas teóricos, com a prática em campo que havia tido anteriormente.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDIA, 2002, p. 24).

Além das questões relacionadas ao curso de licenciatura em Dança, acredito, assim como Andrade (2016), que questões vividas ao longo do tempo, amadurecem o trabalho profissional, pois somos a soma de todas nossas experiências e, nesse sentido, a vida pessoal e profissional são quesitos que se relacionam e se emaranham fortemente, uma vez que experiência é aquilo que nos passa (BONDIA, 2002). Partindo desse suposto, percebi grandes transformações ao longo da minha experiência de vida, provindas da minha vida pessoal, uma vez que fatores externos e internos modificaram a minha postura diante de situações que não serão exemplificadas neste trabalho.

Durante todo ano de 2022, retomei a iniciação a docência em outra escola de ensino fundamental, já no final do curso para o Estágio Obrigatório Supervisionado I. As professoras de algumas escolas que estagiei ofertavam um espaço para ministrar os conteúdos da dança e/ou arte com estudantes pois consideravam a participação conjunta fundamental para minha formação como professor. Nesse contexto, sempre



estive auxiliando as professoras a realizar as atividades com os alunos, como explicar individualmente para um estudante alguma dúvida expressa na aula ou demonstrar corporalmente algum exercício, Ao longo das minhas observações de modo participativo, pude reparar diferenças das turmas das escolas. Percebi variações contextuais em turmas no mesmo ano de formação, no que relaciona ao desenvolvimento do ritmo na música, lateralidade do corpo -direita e esquerda-, dificuldades e facilidades para criação e lecionamento.

Minha trajetória enquanto artista-docente se constitui como um processo contínuo e inacabado de formação, atravessado por experiências que vão desde o ingresso no PIBID, em 2018, até os estágios obrigatórios supervisionados, em que pude reconhecer a escola como espaço fértil para ressignificar a dança não apenas como preparação para a cena, mas como prática estética, crítica e compartilhada. Nesse percurso, percebi que, como aponta Bondía (2002), a experiência se constrói também nas tensões e frustrações que mobilizam o professor a refletir sobre si mesmo, e compreendi, a partir das reflexões de Marques (2015) e Strazzacappa (2014), que não há dicotomia entre docência e criação, mas uma relação de coexistência em que a pedagogia contamina e transforma a arte, assim como a arte reinventa a educação.

Portanto, reafirmo que a escola é um legítimo laboratório de possibilidades, onde ensino, pesquisa e criação se entrelaçam, e onde meu corpo, em diálogo com o corpo discente, produz sentidos e experiências estéticas singulares; atualmente, como professor efetivo da Prefeitura de Juiz de Fora desde 2024, reconheço que essa estabilidade profissional fortalece meu compromisso com uma práxis artístico-pedagógica crítica e inventiva, entendendo que minha atuação docente não interrompe, mas potencializa o fazer artístico, e que a dança, no espaço escolar, continua sendo campo de criação, de pensamento e de reinvenção da própria arte.



O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, sob orientação da professora Dr. Luciana Crivellari Dulci.



Referências

ANDRADE, Carolina Romano de. Dança para criança: uma proposta para o ensino de dança voltada para a educação infantil. Repositório Institucional UNESP. 2016.

MARQUES, Isabel. O artista/docente: ou o que a arte pode aprender com a educação (3). *ouvirOUver, [S. l.]*, v. 10, n. 2, p. 230–239, 2015.

STRAZZACAPPA, Márcia. Imersões poéticas como processo de formação do artista-docente. *ARJ – Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes, Natal*, v. 1, n. 2, p. 96–111, 2014.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002.